

O presentismo e a ilusão do ilimitado

7N, 03.11.2021

A audácia do pensamento de Manuel Maria Carrilho volta a revelar-se



**Não há novo normal,
há um novo mundo,
que todos olhamos sem ver**

diluyente que desfaça a responsabilidade política. O objetivo, escreve, “é mesmo anestesiarem os cidadãos”.

A revelação está na audácia do pensamento, que nos leva a penetrar em teses e hipóteses que confluem no absurdo a que o capitalismo conduziu o Mundo, desde a desconsolidação das democracias perante os nossos olhos cegados até às sociedades hiperindividualistas que demolem os valores comuns que as cimentaram: “O ser humano contemporâneo só sabe viver no presente, há muito que ele perdeu tanto o sentido da história como o do futuro. Ou seja, o presentismo amputou-o tanto da informação retrospectiva como da imaginação prospetiva, e sem essas duas dimensões vitais ele vive quase acéfalo, encurralado, numa ignorância atávica, refém da atualidade e do seu carrossel de notícias que na nossa civilização viral tomou tragicamente o lugar do conhecimento, do debate de ideias e mesmo da vida interior”.

Não há novo normal, há um novo Mundo, que todos olhamos sem ver. “Sem retorno” é um título pessimista de um livro fértil. Talvez o seu corolário esteja no “paradigma do ilimitado”, consumido por sociedades iludidas por ficções políticas. Se há desconexão entre a política e o conhecimento, ler este livro é o princípio do caminho contrário. ●

Por

Helena Teixeira da Silva

Jornalista

Em Portugal, não é possível dizê-lo de muita gente: Manuel Maria Carrilho produz pensamento e provoca pensamento, interpela-nos, convoca-nos. Talvez não seja exagerado dizê-lo: acorda-nos. Na sua obra mais recente, “Sem retorno”, o filósofo parte de um caso concreto, a covid-19, para elaborar um diagnóstico do estado atual do Mundo, donde resulta um quadro pouco animador: “O regresso do medo e a sua cínica instrumentalização pelo poder; a idolatria da vida e a esconjuração da morte; a desconsolidação da democracia e a crescente descredibilização da política; o renascer do chamado populismo e o esboroamento dos valores”. E um aviso: não há caminhos para trás.

Quando logo ao terceiro capítulo se lê que a comunidade internacional pode ter “de pôr a China de ‘quarentena’”, confirma-se que o autor não se limita a problematizar a pandemia, mas desafia os consensos gerados pelo medo. E nesse medo não há

Sem retorno

Manuel Maria Carrilho

Grácio Editor